

## HISTÓRIAS MENORES, VIDAS OUTRAS: RE-EXISTÊNCIAS FEMININAS NO BRASIL DO SÉCULO XIX.

Losandro Antonio Tedeschi  
Cátedra UNESCO/UFGD "Gênero e Fronteiras" – Brasil

### Resumo:

Este texto compõe-se por possibilidades outras de pensar a participação feminina na história brasileira do século XIX em seus desdobramentos na constituição de movimentos de re-existências. Opta por um recorte que apresenta o feminino através de breves existências ou linhas de fuga que emergem e ousam contra o poder para criar formas de vidas outras, tomadas como espaço de enunciação em que se constroem estratégias de fuga e deixam vestígios nos processos de constituição da história da mulher brasileira. Busca, nesse sentido, examinar nas fissuras do possível a existência do feminino como força subterrânea, subalterna, marginal, infame, caracterizada por fluxos contraditórios, divergentes. Corpos outros, desejos outros, novas audácias, modos outros de ser e de lutar que proliferam e resistem à imposição de um discurso único sobre a história por meio da escrita, da arte, da loucura, do pensamento crítico e da ação política. Histórias que podemos chamar de *menores*, de desviantes, mas com força para produzir espaços de liberdade; forças potencializadoras de outras formas de existência, capazes de compor formas de vida outra; mulheres que agem em vez de apenas reagir às práticas instituídas, são experiências de vida irredutíveis sobre as quais pretendemos apontar um olhar.

**Palavras-Chave:** História menor, história das mulheres, re-existências, poder, gênero, representações.

### Resumen:

Este artículo busca por otras posibilidades de pensar la participación femenina en la historia de Brasil del siglo XIX y sus consecuencias en la constitución de movimientos de re-existencias. Plantea un recorte que presenta el femenino a través de cortas existencias o líneas de fuga que emergen y osan contra el poder para crear otras formas de vidas, tomadas como espacio de enunciación donde se construyen estrategias de fuga y dejan vestigios en los procesos de constitución de la historia de la mujer brasileña. En esto sentido, busca examinar las fisuras del posible a la existencia del femenino como una fuerza subterránea, subalterna, marginal, infame, caracterizada por flujos contradictorios, divergentes. Cuerpos otros, deseos otros, nuevas audacias, modos otros de ser y de luchar que proliferan y resisten a la imposición de un discurso unificado sobre la historia a través de la escrita, del arte, de la locura, del pensamiento crítico y de la acción política. Historias que podemos clasificarlas de menores, de desviantes, pero con fuerza para producir espacios de libertad; fuerzas que potencializan otras formas de existencia, capaces de construir formas de vida otras; mujeres que actúan en vez de sólo reaccionar a las prácticas instituidas, son experiencias de vida irreductibles sobre las cuales pretendemos apuntar una mirada.

**Palabras-clave:** Historia menor; historia de las mujeres; re-existencias; poder; género; representaciones;

## 1 -Introdução

Como escavar uma história de sujeitos invisíveis? Onde encontrar os vestígios das mulheres do passado? Que perspectiva utilizar? Que espaços outros são esses onde a fala e a atuação feminina abrem o caminho para transformações criadoras do não-lugar das representações sem referentes, das imagens do humano que prescindem da natureza, das convenções, das coerções e da modelagem dos corpos sexuados, das práticas sexuais normativas, para criar histórias e relações sociais outras. Onde ela é vista habitualmente? Onde ela não é vista? Quem são essas mulheres que se deslocam entre espaços outros, vidas outras?

Quem são esses corpos marcados em coreografias reguladas, amassadas pelo excesso de conteúdos obrigatórios, de comportamentos ditados e milimetricamente desencorajados de funcionarem por si mesmas? Nada de exceções na história. Fazer viver e deixar morrer<sup>1</sup>. O que é deixado viver: corpos uniformes, racializados, otimizados para a reprodução, colonizados e sem imaginação própria. O que é deixado morrer: o vivo, a potência de transformação, de criação de novas formas de pensamento, a multiplicidade de possíveis, o fora, o imprevisível. Esses saberes que capturam o feminino, normatizando-o, codificando-o.

Na história do Brasil, as estratégias informais e silenciosas de mulheres do século XIX, abre caminho para uma história feita pelas fissuras. Maria Odila Leite Silva afirmava que havia

todo um caleidoscópio de pequenas referências esparsas, pingando em profusão das mais disparatadas fontes, atesta a sua presença ostensiva, porém de modo fragmentário, pouco deixando entrever sobre os seus modos de inserção na sociedade da época<sup>2</sup>.

Como resultado, tal parcela da humanidade (mais da metade), miserável e confinada, não pôde sequer ser constituidora de sua própria memória. Esse longo processo histórico ficou então caracterizado, como reflexo direto das relações patriarcais de poder, pela desmemorização e descorporalização das mulheres.

Essas Histórias outras, Vidas outras<sup>3</sup> estão profundamente conectadas com as resistências feministas do presente que, por meios de espaços outros, espaços

<sup>1</sup> Michel Foucault, na obra "em Defesa da Sociedade", faz uma análise do poder e da biopolítica sobre a vida das pessoas enquanto mecanismo de controle do "fazer viver" e "deixar morrer".[...]“Parece-me que um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, é o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico”. FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes,1999, p. 286.

<sup>2</sup> DIAS SILVA; 1983, p. 34.

<sup>3</sup> Elas são "vidas que nos apresentam a dramaticidade existencial de corpos e comportamentos que, por uma razão ou outra, não cabem na cartografia da normatização. Figuras que jamais se permitem evidenciar por completo, analisar de modo acabado e inequívoco. O que se apresenta nesses textos não são esquemas filosóficos. Ao invés, o que se mostra é uma inexistência, à qual se atribui uma problematização interna da norma. Em nenhum momento pretende-se o retrato de uma determinada situação, e sim a busca por compreender tais gestos, crises, dilaceramentos impraticáveis, justificativas inaceitáveis,

heterotópicos<sup>4</sup>, inauguram uma nova relação com a individualidade. Realizam uma crítica historiográfica dos “regimes de saber”, ou melhor, sobre a maneira como os saberes históricos são monopolizados e impedidos de circular livremente e, finalmente, são lutas contra as respostas “científicas” e administrativo-burocráticas para a pergunta “quem somos nós?”.

Pelas margens da história, as mulheres reexistiram com uma potência que denuncia uma historiografia pouco real e rara, desequilibrada que tem produzidos silêncios a mais da metade da humanidade, que tem esquecido o privado, o cotidiano e as miudezas, tratando-os como não história. A própria história universitária ainda hoje tem se escrito no masculino. É preciso reparar os “silêncios patriarcais do passado”, retomando o conceito aqui de Françoise Thébaud<sup>5</sup>.

Nesse texto, arriscamos pontuar que quando o sujeito é feminino, essa “vida outra” parece se mostrar de formas diversificadas, capazes de se desviar, pelas linhas de fuga<sup>6</sup>, da noção de poder patriarcal e de controle, como sinônimo de repressão e de coação. Pode-se, assim, analisar sob uma outra forma, os diversos usos possíveis desse espaço nas contra definições, nos espaços definidos por aquilo que eles não são (pela ausência, pela carência, pela sanção, pela proibição). Nos desvios da norma, este poder feminino se torna o poder imanente, desterritorializado.

Um poder, uma existência feminina que está nas ruas, no cotidiano, que se faz no fazer das pessoas. São esses espaços comuns, do cotidiano feminino, que são dotados de elementos que mostram a existências de “espaços outros” no que se refere a outras formas de relações de poder especializadas e outra dimensão de poder nas relações sociais. Esse poder imanente, cotidiano, “microbiano” que se constitui, segundo Michel de Certeau (1996, p. 175)..,

práticas microbianas, singulares e plurais, (...) procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçam em uma proliferação legitimada, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam

Con formato: Interlineado: múltiple 1.15 lín.

vidas inapropriadas, acontecimentos em função da ruptura filosófica que eles operam. Vidas que se chocam com o poder, com o discurso, com o espaço dos saberes legítimos e estabelecidos pelo homem moderno antropológico”. Ver: NAIDIN, Julia. *Vidas Heterotópicas, Vidas Infames, Vidas Outras: um percurso antropológico no pensamento de Foucault* Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 1036, set./dez. 2016

<sup>4</sup> [...] “espaço do fora, no qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo[...] aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação a média ou à norma exigida. São as casas de repouso, clínicas psiquiátricas, as prisões, casas de repouso... (FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. Coleção Ditos e Escritos, 1984, p. 416).

<sup>5</sup> THÉBAUD, Françoise. *Escribir la historia de las mujeres y del género*. Ediciones KKK. Oviedo: España, 2013, p. 71.

<sup>6</sup> Em Gilles Deleuze (1998, p. 49) “partir, se evadir, é traçar uma linha. A linha de fuga é uma desterritorialização. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É ao contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano (...). Fugir é traçar uma linha, linhas todas uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada”.

somente e graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora. Esse caminho poderia inscrever-se como uma seqüência, mas também como a recíproca da análise que Michel Foucault fez das estruturas de poder. (...) Mas a esses aparelhos produtores de um espaço disciplinar, que práticas do espaço correspondem, do lado onde se joga (com) a disciplina? Na conjuntura presente de uma contradição entre o modo coletivo da gestão e o modo individual de uma reapropriação, nem por isso essa pergunta deixa de ser essencial, caso se admita que as práticas do espaço tecem, com efeito, as condições determinantes da vida social.

## **2 Deslocamentos femininos – espaços outros/ reexistir, insistir na existência.**

O século XIX, na história brasileira, é marcado pela evidência silenciosa das mulheres. Um período que comporta cotidianidades e trajetos femininos, não somente geométricos, mas que evidencia também uma dimensão espacial e de gênero diferente do masculino, pois possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. Espaços privados e públicos são vividos diferentemente e desigualmente por homens e mulheres, classificando uns por masculinos e outros por femininos, uns por brancos e outros por negros, indígenas ou mestiços.

Há uma intervenção controlada sobre os corpos femininos, variável – gênero, raça, classe e espaço – em que o saber e o poder se entrecruzam, configurando categorias sociais a serem normatizadas por instituições e subjetividades apropriadas e emitidas pelos discursos patriarcais de poder da época. Há espaços estranhos que ditam o que não pertence às mulheres ou as impedem de adentrar. Onde estão essas mulheres? Onde ela é vista habitualmente? Onde ela não é vista? De qualquer modo, a história das mulheres permanece, na verdade e na maior parte, tolerada e marginalizada.

O Brasil do século XIX era marcado por uma população majoritariamente feminina e, no entanto, poucas mulheres aparecem na história de suas cidades, vilas no interior e comunidades. A marca desse período era o intenso crescimento da pobreza; a urbanização era processo secundário e marginal, sintomas de uma sociedade por se descobrir, contraditória, colonizada e racista<sup>7</sup>.

Nas ruas das cidades, esse espaço sem controle, havia um incômodo, algo que perturbava, inquietava, preocupava as autoridades: as mulheres pobres, livres, forras e escravas. As ruas eram o espaço de improvisação de sua sobrevivência precária. Deslocando-se entre espaços privados ou públicos, sua figura se confunde com a imagem da empregada doméstica, da mulata, das babás, das mucamas, das escravas, das amas-de-leite, das mães pretas e das mulheres infames, como as delinquentes, as prostitutas e as histéricas. Vidas outras que representam limites, barreiras móveis e mutantes, porém não existentes.

Tinham uma certa mobilidade física na cidade. Circulavam por todos os lados e lugares, por fontes públicas, tanques, lavadouros, pontes, ruas e praças da cidade,

<sup>7</sup> SILVA DIAS, Maria Odila leite. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

córregos e arredores das pequenas vilas, muitas vezes cobertas de mato – onde era jogado o lixo das casas e que também servia como uma espécie de “refúgio”, esconderijo. Contudo,

o seu espaço social era justamente o ponto de interseção onde se alternavam e se sobrepunham a área de convívio das vizinhanças e dos forasteiros; a do fisco municipal e do pequeno comércio clandestino; as fímbrias da escravidão e do trabalho livre, o espaço do trabalho doméstico e de sua extensão ou comercialização pelas ruas... Sob o pano de fundo destas formas sociais transitórias é que se articulam papéis femininos propriamente históricos, de improvisação, mudança e vir a ser, dificilmente adaptáveis aos padrões hegemônicos de comportamento das mulheres das classes dominantes, e que pouco têm a ver com a identidade abstrata do conceito de “condição feminina”, como se pudesse existir, universal e fixa<sup>8</sup>.

Con formato: Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Essas mulheres “infames”<sup>9</sup> carregavam o peso de seu sexo, de sua cor e de seu desvio, por isso a vigilância, o controle. As mulheres brancas por sua vez, tinham permissão para sair de casa para batizar, casar e ser sepultada. Submetiam-se à opinião dos outros – o pai, o marido, a sociedade – e aprendiam a se comportar e a conviver de maneira educada.

As fontes escritas sobre esse período são esparsas e no que se refere aos temas que tocam na diferença entre os sexos, o/a historiador/a se depara com fragmentos de discursos de realidades diferentes, simultâneas, que se enredam e eludem umas às outras: o confronto do espaço das normas, dos papéis formais prescritos com o dia a dia de uma improvisação informal e aleatória. De um lado, devassas, processos e toda uma legislação repressiva sobre os corpos; de outro, resquícios de uma autonomia tolerada que ia aos poucos (re) apropriando-se, (re) significando-se, subvertendo-se em um espaço de diferentes interesses e significados.

Em uma sociedade encerrada na rigidez dos códigos culturais e sociais, veem-se circular outras formas de liberdade que tentam escapar do controle sexual, da violência e da dominação a que estão permanentemente submetidas. É difícil e tortuoso o desvendar desse cotidiano, pois as fugas para outros espaços eram sinônimo de transgressão e passíveis de punição pelo poder da época.

Há uma maquinaria de controle, uma sociedade da vigilância no Brasil novecentista, na qual o patriarcado dita os comportamentos das mulheres, criando divisões analíticas e tênues. A vigilância constante cria o medo da rua, do desvio comportamental, de ocupar “espaços outros”. O estar na rua vira sinônimo de doença, de sujeira, de vadiagem, das mulheres “da vida”. Um lugar insalubre e habitado por pessoas indesejadas, as prostitutas, as negras escravas, as

<sup>8</sup> Idem, pg. 32

<sup>9</sup> Para Foucault, os sujeitos infames eram aqueles sujeitos que não existiam a não ser pelas poucas palavras proferidas sobre eles com o intuito de excluí-los e marginalizá-los dos meios sociais. Existências simples, cinzas e obscuras, que teriam permanecido esquecidas, caso não fosse sua relação com o poder. São os indesejados, os esquecidos, os que acabariam em instituições de isolamento. Ver; FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros (org). Coleção Ditos e escritos. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984, p. 203-222.

indigentes, assim como as existências infames. "Espaços outros" onde, segundo Foucault (1984, p. 414),

[...] somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo. Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio onde se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos.

Con formato: Sangría: Izquierda: 0.7 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

No entanto, quando essas mulheres rompem de alguma forma com esses espaços, tornam-se duplamente marginalizadas. As mulheres pobres, maltrapilhas, escravas ou alforras, que tinham a rua como uma das maneiras de manter seu sustento – através da venda de frutas, comidas, doces, pães, salgados, porções mágicas, cigarros etc. –, iam de encontro com muito do que era imposto pela sociedade em relação à maneira como elas deveriam se portar. Na sociedade brasileira, a correlação entre gênero e raça provoca o que Sueli Carneiro (2003) denomina de subalternização do gênero segundo a raça.

As imagens de gênero que se estabelecem a partir do trabalho endurecedor, da degradação da sexualidade e da marginalização social, irão reproduzir até os dias de hoje a desvalorização social, estética e cultural das mulheres negras e a supervalorização no imaginário social das mulheres brancas, bem como a desvalorização dos homens negros em relação aos homens brancos. Isso resulta na concepção de mulheres e homens negros enquanto gêneros subalternizados, onde nem a marca biológica feminina é capaz de promover a mulher negra à condição plena de mulher e tampouco a condição biológica masculina se mostra suficiente para alçar os homens negros à plena condição masculina, tal como instituída pela cultura hegemônica<sup>10</sup>.

Con formato: Sangría: Izquierda: 0.75 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Há uma história das normalizações/normatizações que atuaram nesses espaços, mas há também os "cuidados de si" e as "artes da existência" produzidos nesses espaços que ainda permanecem desconhecidos. As vidas dessas mulheres produziram outros modos de existência através do choque com o poder, inventando novas possibilidades de vida. Se tomarmos a afirmação Foucaultiana, o ponto mais intenso das vidas "é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele" (FOUCAULT: 1983, p.203).

São "vidas ínfimas", vidas que se expõem em poucas páginas, rasuras breves, ligeiras, intensas e expressivas. Elas se mostram na rapidez de pequenos anúncios públicos, nas seções de avisos das gazetas jornalísticas, em relatos sobre a vida social no período, onde mulheres livres se oferecem para ensinar outra mulher, e por vezes, anunciam a abertura de escolas, outras vezes aparecem como mercadoria vendidas ou alugadas por seus senhores; ora têm sua fuga denunciada,

<sup>10</sup> CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta antirracista. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003. IN: <http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#qs.R=GZDEo>. Acesso em 10 /05/2017.

outras vezes são “[...] descritas a partir de sua boa aparência, seu caráter meigo ou serviçal, indicando inclusive a existência de uma proximidade mais íntima entre senhores e cativas” (SCHWARCZ, 1987, p. 134)<sup>11</sup>.

Mais do que isso, a presença dessas mulheres indesejáveis, tornariam líquidos os sólidos imaginários e as representações construídas sobre espaços que deviam ser devidamente isolados, controlados. Elas fogem às formas sacralizadas e canônicas, buscando as heterotopias, essas formas de vida mais autônomas, não centralizadas, deslegitimadas e que não têm necessidade, para serem válidas, do consentimento do patriarcado. Essas linhas de fuga, essa “história menor”, as levariam a novos agenciamentos<sup>12</sup>, ou seja, à produção de realidade material ou imaterial, e não a uma verdade que representaria o real:

[...] é sempre o agenciamento que produz os enunciados [...] o enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimento<sup>13</sup>.

Con formato: Sangria: Izquierda: 0.7 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Ao transporem, ao driblarem, produzem saberes (e poderes) particulares, locais, regionais, diferenciados, não unânimes, politicamente divergentes e, por isso, devem sua força somente à dimensão que os opõe a todos aqueles que o circundam. Trata-se de uma insurreição dos saberes, uma reação marginal, contra os efeitos de poder que aprisionam seus corpos, seus pensamentos, suas sensibilidade. Tânia Navarro Swain (2013, p. 231), nos aponta que:

[...] Mas na definição que se faz, aos poucos, do humano em feminino e masculino, a loucura é evocada para negar às mulheres um local de fala, um local de autoridade. Pois seus corpos abrigam a desordem e exigem, por conseguinte, o controle. Toda ação contestatória ou autônoma é considerada imoral ou irracional, e o tratamento é, de fato, a punição.

Con formato: Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Con formato: Sangria: Izquierda: 0.75 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Mulheres que fogem, desviam-se, desterritorializam-se<sup>14</sup>. Maria Firmina dos Reis (1825-1917), pobre, parda e bastarda no Brasil novecentista, por exemplo, não escapou de manter uma relação problemática com seu gênero. Adentra um

<sup>11</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

<sup>12</sup> Segundo ZOURABICHVILI, François (2004, p. 10), em *O vocabulário de Deleuze*, “Dir-se-á, portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. Na realidade, a disparidade dos casos de agenciamento precisa ser ordenada do ponto de vista da imanência, a partir do qual a existência se mostra indissociável de agenciamentos variáveis e remanejáveis que não cessam de produzi-la. Mais do que a um uso equívoco, ela remete então a polos do próprio conceito, o que interdita sobretudo qualquer dualismo do desejo e da instituição, do instável e do estável. Cada indivíduo deve lidar com esses grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável e por um funcionamento reprodutor: tendem a reduzir o campo de experimentação de seu desejo a uma divisão preestabelecida”.

<sup>13</sup> DELEUZE; PARNET, 1998, p. 43.

<sup>14</sup> A desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga”. Abandonar o território é ir ao encontro do inesperado, do novo. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autentica, 2005.

espaço proibido, por águas desconhecidas, e aventura-se, ousa, experimenta-se, dá-se a perceber em um mundo que não a percebe, articula a si própria sua experiência de mulher.

Maria Firmina evita colocar o nome em seu livro e esconde-se sob o pseudônimo “uma maranhense”. Escreve *Úrsula* (1859), que evidencia, por parte da autora, engajada com a causa abolicionista, uma clara consciência acerca das questões de gênero, raça e classe social. Há um desabafo nessa obra, um ar por muito tempo contido, sufocado, uma voz abafada, de uma expressão própria, que através de uma fissura, uma fenda, uma linha de fuga, traça um outro espaço. São justamente essas fissuras, essas linhas de fuga que os dispositivos de poder na época vão tentar colmatar, enlaçar ou apreender.

As mulheres, ao escreverem/viverem sua história, sendo ousadas e recatadas, desbocadas e pudicas, sexuais e etéreas, passam a desenhar um devir político como potência. Usam seus lugares como potência inventiva — a potência de um pensamento “nômade”, aberto às conexões, que se desvia dos processos de subjetivação manipulantes e ditantes de regras e condutas do patriarcado.

São gestos e movimentos políticos que, por menores que sejam, escapam pelas frestas e pelos desvios de que nos fala Kafka<sup>15</sup>, e insistem em produzir novos modos de se conduzirem, de governarem a si mesmas, de criarem estratégias como ato político. Fundam-se, criam-se, desenvolvem-se práticas de uma “história menor” feminina, isto é, um existir e pensar de re-existências. Um pensar de outra maneira. É o modo de pensar e agir que as faz ser de outra natureza. Outra maneira de se posicionar no mundo que se inventa no imprevisível de fugas-intensivas.<sup>16</sup>

São essas mulheres “infames”, esses corpos insubmissos que abalam as velhas práticas da colonialidade do gênero<sup>17</sup>. O corpo que transgredir o espaço normativo, a razão colonial “torna o problema”, na rua, na esquina, na feira, nos jornais, na revolução, na passeata, pois se atravessam e abalam, escandalizam; corpos que

<sup>15</sup> Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Kafka; por uma literatura menor. São Paulo: Autentica, 2005.

<sup>16</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. Por uma história menor — uma análise deleuziana sobre a história das mulheres. (no prelo) Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2017.

<sup>17</sup> Maria Lugones – no texto “*Colonialidad y género*”, publicado em 2008 – foca sua análise na intersecção entre classe, raça, gênero e sexualidade, com o intuito de romper com a indiferença prática e teórica com as “mulheres de cor”, isto é, mulheres não brancas que tem suas realidades invisibilizadas nas lutas feministas ocidentais. A partir dessas experiências, Lugones demonstra como o processo de colonização enraíza a concepção ocidental de gênero, e propõe que essas relações se estruturam em torno de um “*Sistema Colonial de Género*” marcado pela intersecção entre raça, gênero, sexualidade e classe. Além disso, Lugones questiona o feminismo burguês, branco e ocidental, assim como a homogeneização da denominação de “mulher”, a qual não inclui e invisibiliza as realidades das mulheres de cor. Também apresenta como esse sistema conseguiu cooptar os homens que igualmente foram colonizados e explorados, isto é, vítimas da classificação racial, e que, contudo, não deixam de ocupar uma posição de superioridade e dominação sobre as “mulheres de cor”. Assim, o trabalho de Lugones consiste no esforço de visibilizar a mútua relação entre gênero e colonialidade, já que a classificação social da população sobre a ideia de raça é condição necessária para a estruturação do Sistema Colonial de Género. Texto disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>.



pesam (BUTLER, 2000)<sup>18</sup>. Corpos desviados, transgressores e racializados questionam estruturas profundamente enraizadas porque não aceitam uma vida que quer confinar.

Assim o fazem Maria Felipa de Oliveira, Maria Quitéria e tantas outras Marias. Mulheres negras, pobres e ex-escravas resistem, vestem-se de homem. Transgrediram esses padrões do ser mulher negra e pobre e lideraram grupos armados reivindicando direitos, sua existência.

Livres, essas mulheres procuram escapar das maquinarias que o poder aponta em cada passagem da história; criam linhas de fuga das amarras engessantes, que impedem o pensar e a ação de corpos diferentes. Elas produzem, do próprio desvio, uma maneira de seguir adiante sem serem capturadas; elas transformam esse desvio em uma aprendizagem potente para sua vida. É o próprio desvio que as força a transformar esse fluxo desviante em uma aprendizagem que se faz pelo pensamento, pelos "espaços outros" de existências possíveis.

Lugar de inscrição dos acontecimentos, o corpo é, "o lugar prático de controle social" (FOUCAULT:1988, p. 15). Lugar de mando, de influência. O corpo da prostituta, da escrava, da louca, da histérica, da mendiga, da solteirona era não somente o lugar de ataque por parte das investidas do poder, já que, portadoras do exótico, seu corpo revelava outra performance, a exuberância do prazer, do desvio mental, da outra outra cor, dos afloramentos do desejo, gestos e sinais que fugiam ao controle normatizador, mas que também representava a possibilidade de mudança, a capacidade de desestruturar e abalar – através da exibição de seus corpos – os ultrapassados códigos morais que sustentavam as relações de gênero.

O corpo das mulheres também é o espaço que ocupa, suas fronteiras, as intervenções que nele se operam, a imagem e as narrativas que dele se produz, as "máquinas de guerra"<sup>19</sup> que nele tentam se conectar, os sentidos que nele marcam, os silêncios que por ele falam, os vestígios.

As mulheres criam problemas nesse período. Como os gestos da vida cotidiana são demarcados e entranhados nos corpos, até mesmo pelo perambular nas cidades? Que mecanismos e campos específicos de um ou outro sexo se constituíram e como se operaram as desqualificações/hierarquizações? O que as mulheres produziram de potente mesmo inseridas em lugares que a sufocam? Que saídas elas encontram cada vez que são capturadas? Que aprendizagens percorrem quando caminham pelos espaços outros? E quando confinadas, proibidas? Que desvios, que linhas de fuga são produzidos aí?

Os jornais do século XIX trazem em suas páginas, seções, anúncios, denúncias de mulheres percebidas à luz dos discursos que construíam sua subjetividade na ordem do privado, do controle. Muitos periódicos tinham a forma de diários, memórias e escritos íntimos, gêneros discursivos femininos comuns na época, que,

<sup>18</sup> BUTLER, Judith. Corpos que pesam. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

<sup>19</sup> "Definimos a máquina de guerra como um agenciamento linear construído sobre linhas de fuga. Nesse sentido, a máquina de guerra não tem, de forma alguma, a guerra como objeto, tem como objeto um espaço muito especial, espaço liso, que ela compõe, ocupa e propaga. O nomadismo é precisamente essa combinação máquina de guerra-espaço liso". Ver DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 47.

juntamente com figurinos, receitas, culinárias, moldes de trabalhos manuais, contos e folhetins tentavam normatizar a conduta feminina em seu novo papel de esposa-mãe-dona de casa<sup>20</sup>. A nova identidade feminina, principalmente dirigida à mulher branca era calcada na valorização da maternidade, do cuidado com o marido e os filhos, era construída a partir do discurso de médicos, higienistas, moralistas, pedagogos. Maria Odila Leite Silva (1984, p. 38) nos diz que a

documentação escrita, em geral, no que envolve assuntos relacionados com o sexo feminino está saturada e sobrecarregada do domínio de mitos, desfilando em poucas linhas, vários dos grandes arquétipos culturais da tradição judaica e cristã: anjos, demônios, santas matronas de vida honrada, mulheres perdidas, sem eira nem beira... É um vasto domínio que enreda a todos e não somente às fontes oficiais, pois mitos símbolos são inerentes à linguagem e à cultura.

Con formato: Sangria: Izquierda: 0.7 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

Não há silêncios femininos nas ruas do Brasil imperial. Brancas pobres, negras forras e escravas, vendedoras, roceiras, fiandeiras, costureiras, lavadeiras, amas de leite e parteiras andavam pelos becos, pelas ruas delimitadas pela Câmara Municipal. Espaço possível, espaço permitido. Há relações de poder espacializadas, desviantes ou não, transgressoras ou não, que tentam ocupar espaços masculinos enraizados.

Essas Heterotopias femininas produzem uma desordem em espaços patriarcalmente institucionalizados, justamente por meio de fissuras na estrutura da época, abrindo e ocupando outros espaços. Proibidas de serem contratadas como mão de obra, pois eram "mulheres sem confiança" – acusadas de concubinato, prostituição, feitiçaria, curandeirismo –, elas existem de maneira ostensiva, silenciosa e fragmentária. Desfilam em processos criminais e registros de jornais do período por espalharem os maus costumes<sup>21</sup>.

São movimentos, acontecimentos femininos que rompem com o "correto" e o "moralmente aceito", como norma geral que rege a vida urbana, marcando certos espaços, não só através da transgressão da lei, mas por poderem se tornar desviantes ("heterotopias do desvio").

<sup>20</sup> Duas importantes obras sobre esse período ilustram esses discursos sobre as mulheres. Ver: LEITE, Miriam Moreira. A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX. São Paulo: EDUSP, 1984 e DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

<sup>21</sup> Importante fonte de pesquisa sobre esse cotidiano das mulheres no Brasil do século XIX se encontra em SILVA, Maria Odila (p. 32-36). "Todo um caleidoscópio de pequenas referências esparsas, pingando em profusão das mais disparatadas fontes, atestam a sua presença ostensiva, porém de modo fragmentário, pouco deixando entrever sobre os seus modos de inserção na sociedade da época. A documentação da Câmara municipal tem em vista a fiscalização do contrabando, a prática dos atravessadores, a vigilância sobre o comércio clandestino e as pequenas sonegadoras do fisco. Apesar disso, visitas de correição, pedidos de licença para vender e registros de avenças contam muito sobre o modo de sobreviver das mulheres pobres em São Paulo. Além dessa documentação, os recenseamentos ou 'maços de população' são a fonte mais importante. Entretanto, trata-se de documentação igualmente policial e comprometida com uma política de controle social: capitães mores, chefes de ordenança, párocos procuravam "melhor civilizar e conter na obediência os moradores".

Esses comportamentos que escapam, que fogem do instituído, tornam-se nos espaços desviantes, "espaços outros"<sup>22</sup>, onde as relações de poder e de gênero podem ser lidas através de práticas (o que se espera das mulheres, o que é "permitido" a elas, o que se "aprova", o poder formal) e aquilo que é (re)apropriado, (re)significado, contrariado, subvertido a partir das práticas cotidianas dos que verdadeiramente "usam", produzem, se reproduzem no espaço.

A história das mulheres foi construída pelo não factual, pelo não dito. Logo, o conhecimento histórico se situa no território definido entre aquilo que está aquém do acontecimento. É no interior deste território, deste "espaço outro", que as práticas femininas permanentemente atualizam forças, lutas, embates e contradições entre diferentes interesses e significados.

O acontecimento é sempre produzido por corpos que se entrecrocaram, se cortam ou se penetram, a carne a espada; mas tal efeito não é da ordem dos corpos, batalha impassível, incorporal, impenetrável, que domina sua própria realização e domina sua efetuação. [...] Todo acontecimento é uma névoa<sup>23</sup>.

Con formato: Interlineado: múltiplo 1.15 lín.

Saberes e poderes particulares, locais, regionais, diferenciados, sexualmente divergentes e que marcam uma força contra aquilo a que se opõem e a todos os poderes que as circundam. Trata-se de uma potência do *devir mulher*<sup>24</sup>, contra os efeitos do poder patriarcal colonizador.

Essa potência feminina se desterritorializa, vive, se manifesta de muitas formas. Até hoje, Nísia Floresta não costuma ser citada na história da Literatura Brasileira como escritora romântica e muito menos na História da Educação feminina como educadora<sup>25</sup>. Uma das primeiras mulheres no Brasil que rompe com os condicionamentos históricos sobre seu gênero, enfrenta o desafio de se libertar dos estereótipos, rompe com as prescrições culturais do seu sexo, com os limites do espaço privado e publica textos em jornais da chamada grande imprensa para defender o direito das mulheres, índios e escravos.

É exposta, sofre a censura por transgredir os valores consagrados pelo patriarcado e pelas instituições sociais. Nísia recebeu em troca o desprezo, a difamação e o esquecimento, principalmente da parte de seus conterrâneos. O fato de estar à frente de seu tempo custou-lhe, no mínimo, o não reconhecimento de seu talento. O aprisionamento dos corpos, do pensamento e das sensibilidades vem carregado nesse período de juízos morais e de valor, preconceitos

<sup>22</sup> Para Michel Foucault "[...] acredito, por heterotopias que se poderia chamar de desvio: aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou a norma exigida". FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos III: outros espaços. Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 415.

<sup>23</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire, 1998, p.78.

<sup>24</sup> O *devir-mulher* em Deleuze traz a possibilidade de fluir nos signos assignificantes, isto é, produzir novas subjetividades, escapar das formas de existir. O devir-mulher é a primeira linha de fuga que se traça para além de todas estas identidades, não fazendo parte dos jogos essencialistas de identidades formadas pelo patriarcado.

<sup>25</sup> DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: Pioneira do Feminismo Brasileiro - Século XIX. Revista Mulheres e Literatura. (Ano 1. Volume 1.1997. Disponível: [http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulhres/volume1/ler.php?id=7](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulhres/volume1/ler.php?id=7)>.

Eliminado: .

institucionalizados em espaços cotidianos: “a mulher vagabunda”, “desordeira”, “turbulenta”, “depravada”, “de má fama”, “a falsa”<sup>26</sup>.

São Vidas outras que se deslocam em seus movimentos de metamorfoses, tentam reexistir em um espaço outro como sujeito, como mulher, como escritora e lutar continuamente contra os estereótipos; discursos tão poderosos que levam as mulheres a se verem sob o olhar masculino, o olhar que as coloniza, as exclui. Como matar o “anjo do lar”? A antiga, e ao mesmo tempo atual, pergunta de Virginia Woolf já ecoava nos escritos da jornalista Júlia Lopes de Almeida, que denunciava os preconceitos patriarcais no Brasil em meados do século XIX<sup>27</sup>. Para Foucault, “escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”<sup>28</sup>. É produzir pela escrita um modo de poder existir e reexistir perante a vida.

Assim como a escrita feminina, as pegadas das mulheres no Brasil nesse período são escassas, o que contrasta com a superabundância de discursos masculinos sobre “a mulher”. Clérigos, juristas moralistas, médicos, dizem o que devem ser e fazer as mulheres.

Algumas rompem. Andradina de Oliveira escreve, em 1879, “O divórcio” e se desvia do caminho imposto pela sociedade. Em vez de se dedicar ao lar, cozinhando ou costurando, a professora se dedica à denúncia, procurando visibilizar as vozes perdidas no escuro da história no século XIX. O que dizer então das mulheres que não escreviam? As iletradas, não brancas, fugidias, libertas? As outras? O que falar das mulheres que lideraram os quilombos em Minas Gerais, Mato Grosso, Santa Catarina, Bahia... “A Maria Crioula, a Josefa Angola, a Brízida Crioula, a Joana Mafumbe (...)”<sup>29</sup>. É preciso estudar os espaços femininos conquistados (os não espaços – espaços outros), os que estão calados e omissos nas fontes oficiais.

É preciso fugir de uma historicidade fossilizada, e buscar esse “devir intempestivo”, escondido, fissurado na história.

Os papéis propriamente históricos das mulheres podem ser captados de preferência nas tensões sociais, mediações, intermediações: nas relações propriamente sociais, que integram mulheres, história, processo social e que os historiadores podem resgatar das entrelinhas, das fissuras e do implícito nos documentos escritos. Por isso, requer uma leitura paciente, um desvendar criterioso de informações omissas ou muito esparsas, casuais, esquecidas do contexto ou da intencionalidade formal do documento (SILVA, Maria Odila, 1984, p. 42).

Con formato: Sangría: Izquierda: 0.7 cm, Interlineado: múltiple 1.15 lín.

<sup>26</sup> SILVA, Maria Odila, 1984, p. 39.

<sup>27</sup> Importante obra sobre o árduo caminho das mulheres escritoras no Brasil, ver: TELLES, Norma. Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil sec. XIX. São Paulo: ed. Intermeios, coleção Entregêneros, 2012.

<sup>28</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade – o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 149.

<sup>29</sup> São mulheres líderes de quilombos. Ver; MOTT. Maria de Lucia Barros. Submissão e resistência: a mulher na luta pela contra a escravidão. São Paulo: Contexto, 1988.

Esse sombrio quadro da invisibilidade feminina nos mostra como a sociedade disciplinar novecentista foi construindo e determinando espaços onde as mulheres deveriam estar, papéis que deveriam exercer, maneiras como deveriam agir e se comportar. Os instintos controlados, a norma imposta, os papéis estipulados para vigiar, controlar e punir. A história que nos chega é codificada por marcas de uma relação desigual e inferior entre os sexos.

A história das mulheres é uma história de re-existências, é uma história que não é adestrada pelo pensamento historiográfico rumo a uma verdade dada; é uma história, um pensamento que nasceu por "arrombamento" (Deleuze, 2006, p. 203)<sup>30</sup>. É uma história composta por fluxos, intensidades, devires que escapam à história; é marcada por desterritorializações que não são captadas pelos mecanismos de poder. A historicidade das experiências femininas e das relações entre os sexos existiu nesses espaços outros, se manifestou no involuntário, no fortuito, no contingente.

Uma história que se ouve pelos sussurros, só parece ser audível e dizer respeito a quem as escreve, a quem as viveu, não encontrando eco ou produzindo qualquer sonoridade para a escrita da história em geral. A história das mulheres é uma história marcada pelas multiplicidades, sem centro, sem hierarquias; com vias marcadas por conexões, fluxos e intensidades.

Essas vidas heterotópicas existiram, re-existiram e se equilibraram justamente entre o "formal", o "institucional", o "moralmente aceito" e aquilo que é necessário, justo, viável, possível para a sobrevivência feminina. As heterotopias serão justamente essas formas de resignificação e reapropriação que garantem a sobrevivência e a reprodução daqueles que produzem e usam o espaço, com todas as suas contradições e conflitos de poder.

Mais do que isso, adentrar esses espaços traz à tona experiências culturalmente e sexualmente mantidas na mais profunda escuridão dos sótãos, dos quartos, dos espaços invisíveis para a história, usando aqui o termo da historiadora Michelle Perrot (2015). Ao descobrirmos sujeitos "sem história", somos forçados a redescobrir seu passado, a tentar reunir os fragmentos, os indícios, de uma identidade, de uma existência invisível dentro de uma sociedade na qual esses sujeitos não existiram.

Como guardiãs da memória familiar e gestoras da vida cotidiana, as mulheres vão se constituindo diante dos inúmeros saberes normativos que naquele momento buscavam enquadrá-la em uma identidade fixa. Mas elas deixam caminhos, pistas, registros e sombras nas paredes, seja nos processos judiciais que enfrentam, nos interrogatórios, nos jornais do período, seja em documentos pessoais, cartas, livros de contos, fotografias, arquivos familiares. "Vislumbres de uma imensidão, retalhos de uma colcha por fazer, relances de uma inserção possível" (SILVA, Maria Odila p. 41).

Esses espaços de vida outra que não foram capturados pelo poder são na história das mulheres um ato criativo de resistência. Através das fissuras, das

---

<sup>30</sup> DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Graal. São Paulo, 2006.

linhas de fuga, se conectaram a devires que levaram ao acontecimento histórico e a novas formas de vida. Compreendê-los em seu potencial libertário não apenas permite a autonomia, mas reafirma práticas que sempre foram, na história das mulheres, o reflexo de uma arte revolucionária, inventiva e, dentro das suas possibilidades, um importante marco de resistência.

Isso nos leva a uma nova forma de reflexão, àquilo que Deleuze e Guattari chamam de "pensamento nômade", uma história que possa tratar do passado com toda sua capacidade inventiva, um "pensamento historiográfico indomado", um pensar e agir feminino levado a sério, que perambula em "espaços outros", da desrazão, do não oficial, do instável, do não visível, do condenável, do proibido, do não aceitável.

Pensar a história das mulheres do passado/presente é encarar a necessidade de criar novas e renováveis outras formas de ler o mundo e de pensar, sem estar preso ao modelo oficial, à história universal, patriarcal, colonizadora. É reencontrar o sentido do acontecimento, de uma fuga, de uma linha, de uma fissura que leva a uma ruptura; é recusar as supostas evidências. É estar disposto a viajar sem sair do lugar, imprimido um movimento ao pensamento, possibilidades de vidas outras, espaços outros, história outras. É fazer existir, viver, é re-existir, insistir na potência de que a história das mulheres avança, finalmente, sendo desejável, necessária e profundamente humanizadora.

### Bibliografia.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Con formato: Interlineado: sencillo

CARNEIRO, Sueli. *A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.

DE CERTAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. "Caminhadas pela cidade". Ed. Vozes. Petrópolis.1996

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Graal. São Paulo, 2006.  
\_\_\_\_\_. *Conversações (1972-1990)* trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autentica, 2005.

\_\_\_\_\_. ; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: editora Escuta, 1998.

Eliminado: \_

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo; Ed. Brasiliense, 1984.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta Brasileira Augusta: Pioneira do Feminismo Brasileiro - Século XIX*. Revista Mulheres e Literatura. (Ano 1. Volume 1.1997.Disponível:[http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/volume1/ler.php?id=7](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume1/ler.php?id=7)>.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. IN:MOTTA, Manoel Barros (Org) *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984

\_\_\_\_\_. *Conversações com Michel Foucault*. IN: \_\_\_\_\_ *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

Eliminado: .

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. Trad. Salma Tannus. São Paulo: n-1 edições, 2013.

Con formato: Interlineado: sencillo

Eliminado: .

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Eliminado: \_\_\_\_\_

Eliminado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p.149

Eliminado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber* (11a ed., M. T. da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, trans.) Rio de Janeiro: Graal, 1988

Eliminado: \_

LEITE, Miriam Moreira Leite. *A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX*. São Paulo; EDUSP, 1984

Eliminado: .

MOTT, Maria de Lucia Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta pela contra a escravidão*. São Paulo: contexto, 1988.

NAIDIN, Julia. *Vidas Heterotópicas, Vidas Infames, Vidas Outras: um percurso antropológico no pensamento de Foucault*. Rev. Filos; Ed: Aurora, Curitiba, v. 28, n. 45, p. 1036, set./dez. 2016

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Círculo do Livro. 1987

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: IC, 2004. (Versão eletrônica)

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Por uma história menor — uma análise deleuziana sobre a história das mulheres*. Florianópolis, Revista Estudos Feministas ( no prelo) 2017.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil sec.XIX*. São Paulo: ed. Intermeios, coleção Entregêneros, 2012.

THEBHAUD, Françoise. *Escribir la historia de las mujeres y género*. Ediciones KRK: Oviedo (España), 2013.